



METROPOLE

SSA - BA

7 AGO 2025

FARMÁCIA

DROGARIA

FARMÁCIA SALVADOR

A RECEITA DO LUCRO

POR QUE TEM TANTA FARMÁCIA EM SUA RUA?

O império das farmácias em Salvador cresce às custas da privacidade dos consumidores, da medicalização da vida e de um lobby bilionário. Págs. 2 a 4



Venda casada de material didático em escolas particulares volta a ser alvo de denúncias de pais. Pág. 6



Metropole ganha reforços de peso na programação com chegada de Silvana Freire e Casemiro Neto. Pág. 10



Bomba de Hiroshima completa 80 anos em meio a nova onda de investimentos em armas nucleares. Pág. 12

A cada esquina, uma farmácia

Farmácias se multiplicam em Salvador e escondem um modelo de negócio que inclui venda de dados, fraudes e influência no Congresso

Texto **Mariana Bamberg**

mariana.bamberg@radiometropole.com.br

Você já parou para se perguntar porque tem tanta farmácia em Salvador? Não importa o bairro, o cenário sempre se repete: ruas com duas, três, quatro drogarias coladas — às vezes, uma em frente à outra —, empreendimentos que fecham as portas e de uma hora para outra dão lugar a grandes redes de farmácias. São lojas gigantes, iluminadas, com estacionamento privado, dezenas de funcionários, prateleiras sempre cheias e pouquíssimos clientes, funcionando dia e noite como se a cidade estivesse sempre doente. O que sustenta essa expansão? Vende-se mais que remédio: vende-se dado, estilo de vida e até doença. É o comércio da saúde que virou negócio de tudo — menos de gente saudável.

CONCENTRAÇÃO NAS RUAS

Um passeio pela movimentada Dom João VI, em Brotas, comprova essa expansão: são ao menos sete farmácias em um percurso de cerca de menos um quilômetro - algumas até da mesma rede. Fácil se questionar se uma não rouba a clientela da outra - mas os executivos das grandes redes batem o pé e defendem que poucos metros fazem a diferença para os clientes.

Se antes a capital baiana era conhecida como a cidade das igrejas (são 589), hoje já tem muito mais farmácias. São 966 drogarias em Salvador - quase dez vezes mais do que era registrado em 2010, segundo dados do Conselho Regional de Farmácia do Estado da Bahia (CRF-BA). Uma explosão que tem, por trás, não só o envelhecimento da população, a busca por melhor qualidade de vida e a febre da automedicação.



reprodução/google street view



reprodução/google street view



reprodução/google street view



reprodução/google street view



reprodução/google street view



reprodução/google street view

Avenida Dom João VI, em Brotas, concentra em menos de um quilômetro de extensão sete farmácias - algumas da mesma rede

Publisher **Editora KSZ**
 Diretor Executivo **Chico Kertész**
 Projeto Gráfico **Marcelo Kertész & Paulo Braga**
 Editor de Arte **Paulo Braga**
 Coordenação **Mariana Bamberg**

Diagramação **Dimitri Argolo Cerqueira**
 Redação **Ana Clara Ferraz, Daniela Gonzalez, Duda Matos, Ismael Encarnação, Jairo Costa Jr., Laisa Gama, Luanda Costa e Mariana Bamberg**

Revisão **Redação**
 Comercial **(71) 3505-5022**
comercial@jornaldametropole.com.br
 Rua Conde Pereira Carneiro, 226 - Pernambués - CEP 41100-010
 Salvador, BA tel.: (71) 3505-5000

A mágica do CPF

Texto **Daniela Gonzalez**

daniela.gonzalez@metro1.com.br

Para começar a entender esse mistério, dê uma passada na farmácia mais próxima da sua casa, só observe. Ou faça melhor: relembre suas últimas idas. Em todas elas, você deve ter escutado “CPF na nota?”. Parece uma pergunta inofensiva, mas é o primeiro passo para abrir a porta do seu histórico pessoal a empresas privadas que vendem dados em um mercado milionário.

Redes como a RaiaDrogasil armazenam todas as compras desde 2008: do antidepressivo ao cotonete. Esses dados formam um retrato da vida do cliente — doenças, frequência sexual, idade dos filhos e até se planeja engravidar. O consumidor acha que está levando desconto; mas está fornecendo um mapa da sua intimidade.

VALEM MAIS QUE MEDICAMENTO

Esse mapa vira moeda de ouro nas mãos de empresas de publicidade. A RaiaDrogasil, por exemplo, tem a RD Ads, um braço de marketing do grupo, que promete unir consumidores e anunciantes. Ela usa os dados de clientes para oferecer audiências a outras empresas e ganhar dinheiro com a privaci-

dade alheia. Quer vender suplemento para um fisiculturista ou fralda para bebês? Basta cruzar dados coletados no balcão e enviar os anúncios. Tudo isso é feito com a aparência de legalidade e a convivência de milhões de clientes que não têm noção dos riscos.

TRUQUE DO DESCONTO

Por trás dessa coleta disfarçada de cortesia, está outro truque: o desconto que não é desconto. O cliente vê 70% de abatimento e comemora, mas o preço cheio exibido é inflado para tornar o benefício atraente. Segundo o Idec (Instituto de Defesa dos Consumidores), a diferença entre o valor final com “desconto” e o teto oficial de preços estabelecido pela CMED (Câmara de Regulação do Mercado de Medicamentos) pode chegar a quase oito vezes.

O problema começa na própria regulação. O Preço Máximo ao Consumidor (PMC) é artificialmente alto e desconectado da realidade. Um antibiótico como o Clavulin tem teto de R\$ 422,86, mas era vendido por cerca de R\$ 166,81 antes do último reajuste. Com o aumento anual sobre o valor máximo, as farmácias podem dobrar ou triplicar o valor de um dia para o outro sem infringir nenhuma regra.

mariana bamberg/metropress



O QUE DIZEM OS ÓRGÃOS

IDEC: “avalia que condicionar descontos à entrega de dados pessoais é uma prática abusiva e informa que o tema segue em investigação por diferentes autoridades”.

ANPD (Autoridade Nacional de Proteção de Dados): classifica os descontos como potencialmente fictícios.

PROCON BAHIA: realizou uma operação motivada pelo aumento de denúncias sobre a exigência de CPF e está consolidando os dados da fiscalização. O órgão reforça que “nenhum consumidor é obrigado a fornecer dados pessoais como condição para acessar descontos ou promoções”.

Vende-se remédio e doença

Texto **Luanda Costa**

luanda.costa@radiometropole.com.br

De volta à sua última ida à farmácia. Você provavelmente não percebeu, mas, por trás das prateleiras e dos descontos fantásticos, há a venda de um estilo de vida que busca soluções em comprimidos. É a fabricação da doença para a venda do remédio.

Uma prática comum, porém pouco debatida, é a chamada “comissão por indicação”. Funcionários de farmácia recebem porcentagens por cada unidade vendida de medicamentos de determinados laboratórios.

Ou seja: o balconista que recomenda um analgésico específico pode não estar interessado no bem-estar do cliente, mas no valor que aquela venda vai agregar ao seu salário. A indústria, por sua vez, abastece essas farmácias com material de marketing, brindes e até treinamentos - que mais se assemelham a cursos de vendas do que a orientações em saúde. Embora regulamentações da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) limitem a propaganda de medicamentos, o controle sobre as práticas internas é frágil.

DIAGNÓSTICO DE FATURAMENTO

Essa lógica transforma a doença em oportunidade de lucro. Em vez de combater causas, o foco é manter o ciclo da prescrição e consumo e convertê-lo em faturamento. No ano passado, o grande varejo farmacêutico movimentou R\$ 103,14 bilhões no Brasil. A rede RaiaDrogasil manteve a liderança pelo 14º ano consecutivo. Em seguida veio o Grupo DPSP (união da Drogaria São Paulo e Drogarias Pacheco) e as Farmácias Pague Menos. Quem paga esse preço é o consumidor, muitas vezes convencido de que precisa combater algo que sequer foi diagnosticado.

ESPECIAL



METROPOLE

Lavagem de dinheiro

Texto Ana Clara Ferraz e Ismael Encarnação
redacao@radiometropole.com.br

Provavelmente em um das suas últimas idas a uma farmácia você não deve ter enfrentado filas, não deve ter esperado como é comum em negócios em alta. A drogaria deveria estar vazia, a não ser pelos poucos clientes e os muito funcionários. A pergunta que vem à cabeça aqui é: como elas se sustentam vazias e com muitos concorrentes?

E essa resposta passa, em alguns casos, por operações com propósitos bem mais obscuros. Investigações recentes da Polícia Civil da Bahia e da Polícia Federal revelam que esses empreendimentos podem ser usados, facilmente, como fachadas para a lavagem de dinheiro. Em 2023, uma investigação da Polícia Federal revelou que uma rede criminosa desviou quase R\$ 40 milhões do programa Farmácia Popular por meio de drogarias de fachada, o dinheiro era movimentado com o uso de CNPJs de “laranjas” e CPFs de pessoas inocentes.



elza fiuza/agencia brasil

MODELO A SE REPETIR

Em Salvador, a Operação Farmácia Legal, deflagrada em janeiro deste ano, apreendeu quase 1,5 mil unidades de medicamentos controlados que estavam sendo vendidos irregularmente em bairros como Cabula, Itapuã, Boca do Rio e Fazenda Coutos. A operação não apenas revelou a venda de remédios sem prescrição ou autorização da Anvisa, mas também expôs como esse ambiente pode ser favorável à prática de outros cri-

mes financeiros.

Farmácias são atrativas para lavagem de dinheiro por operarem com alto volume de vendas diárias, aceitarem pagamentos em dinheiro e terem uma estrutura jurídica simples de constituição. Esses fatores facilitam a inserção de recursos ilícitos no fluxo financeiro como se fossem lucros legítimos. Ou seja: é um tipo de negócio com aparência de legalidade, mas mecanismos operacionais que dificultam a detecção de irregularidades.

Um xarope chamado lobby

Texto Duda Matos
maria.matos@metro1.com.br

Da sua ida à farmácia, um pulinho no Congresso Nacional. E da lavagem de dinheiro para o lobby. Com faturamentos na casa dos bilhões e um apetite insaciável por influência, as grandes empresas da área da saúde descobriram um caminho certo para emplacar suas prioridades: o investimento estratégico na Câmara e no Senado — ou melhor, em quem faz parte dele.

A conquista do espaço no Parlamento via contribuições milionárias já é de praxe na área da saúde. Nas eleições de 2022, por exemplo, Pedro de Godoy Bueno, presidente da Dasa (Diagnósticos da América S.A.) e herdeiro do grupo Amil (planos de saúde), doou R\$ 2,95 milhões a mais de 50 candidatos de dez partidos.

LUCRO SEM FRONTEIRA

As empresas da saúde não se limitam a acompanhar de perto os debates legislativos no Congresso. Ela pauta, propõe, e, às vezes, até escreve os projetos. No Senado, há um projeto de lei, o PL 2.158/2023, que quer estabelecer que os medicamentos sem necessidade de prescrição médica podem ser vendidos fora das farmácias, como estabelecimentos de supermercados, por exemplo.

É uma tentativa de ampliar ainda mais as fronteiras desse ambiente, que, por trás de suas prateleiras, traz um negócio baseado na fabricação de doenças, a venda de dados, suspeitas de lavagem de dinheiro e um lobby poderoso que garante a proteção desse sistema. O resultado é perverso e quem paga a conta é o consumidor — mesmo saindo com um sorriso no rosto, acreditando no desconto via CPF.



joedson alves/agencia brasil

Logradouro

AVENIDA AFRÂNIO PEIXOTO

Antigo quadro do Jornal Metropole que contava a história dos personagens que nomeiam ruas de Salvador



reprodução/google street view

Ela pode até ser conhecida como Suburbana, mas o nome oficial homenageia Afrânio Peixoto, um escritor, médico legista e professor brasileiro. Baiano de Lençóis, ele se tornou um importante romancista, ensaísta e historiador literário, chegou até a ser eleito para a cadeira n.º 7 da Academia Brasileira de Letras, na sucessão de Euclides da Cunha - foi ele, inclusive, que examinou o

corpo do escritor assassinado e assinou o laudo. Afrânio Peixoto resumia sua biografia em duas frases: “Estudou e escreveu, nada mais lhe aconteceu”, mas a verdade é que ele era visto também como dono de uma personalidade fascinante, que encantava auditórios em conferências. Elegeu-se deputado federal pela Bahia de 1924 a 1930 e 17 anos depois veio a falecer no Rio de Janeiro.

Que p... é essa?

Já não bastava o tal do morango do amor acabando com chapas e obturações alheias, agora vem, diretamente de um andar abaixo do purgatório, o novo prato para os apaixonados: o acarajé do amor. Acreditaram mesmo que a mistura de um bolinho de feijão ancestral com a febre do caramelo de corante vermelho seria uma boa ideia. Teve até associação repudiando o “ato de empreendedorismo”. Se a intenção era causar, conseguiram.

foto da leitor/divulgação



E o que está causando também é o mistério das placas riscadas. Em Brotas, por exemplo, Campinas teve o nome “apagado” como se tivesse pedido sigilo de identidade. Ninguém sabe se está mudando de nome, se há uma disputa entre Brotas e Campinas ou se a placa teve um surto existencial. Há quem diga que foi só tinta de pichação, mas, por enquanto, segue com nome de censurado — e a fofoca correndo solta.

foto da leitor/divulgação



Seção do antigo quadro do Jornal Metropole que trazia “desindicações” na cidade, experiências que não mereciam ser repetidas pelos leitores

Tem “desindicação” que nem deveria estar aqui, mas se existe negócio é porque alguém compra. E definitivamente não compre essas calcinhas e cuecas de R\$ 2,90. A letra rosa no papel branco e o panfletista com cara de sofrido podem até ser convincentes, mas tenha dó de suas partes íntimas. Se uma calcinha custa menos que um punhado (não no bom sentido) de amendoim na praia, algo está errado. É só colocar o tal fiapo com elástico que a coceira e o arrependimento já vão subindo pela lombar. A durabilidade? Dois espirros e vira um portacopo. Não caia nessa armadilha rendada: sua dignidade

vale mais que isso (ou deveria).

Desista de remakes! E comece por Vale Tudo. Nesta semana, por exemplo, criaram, do nada, uma namorada desconhecida para um personagem e no mesmo episódio, em coisa de minutos, acabaram com o relacionamento sem pé nem cabeça. Remake é sempre isso, sempre uma nova leitura, no caso, feita com canetinha Bic em papel higiênico. É um tal de revirar, reinventar, retorcer a trama até Odete Roitman parecer que saiu de um programa de Amaury Jr. Melhor preservar sua memória afetiva e fugir de qualquer remake como quem foge de ligação de telemarketing.

Venda casada e replicada

Denúncias contra escolas particulares de Salvador revelam que estratégia de venda casada de material didático volta a ser ameaça com final de ano letivo

Texto **Ana Clara Ferraz**

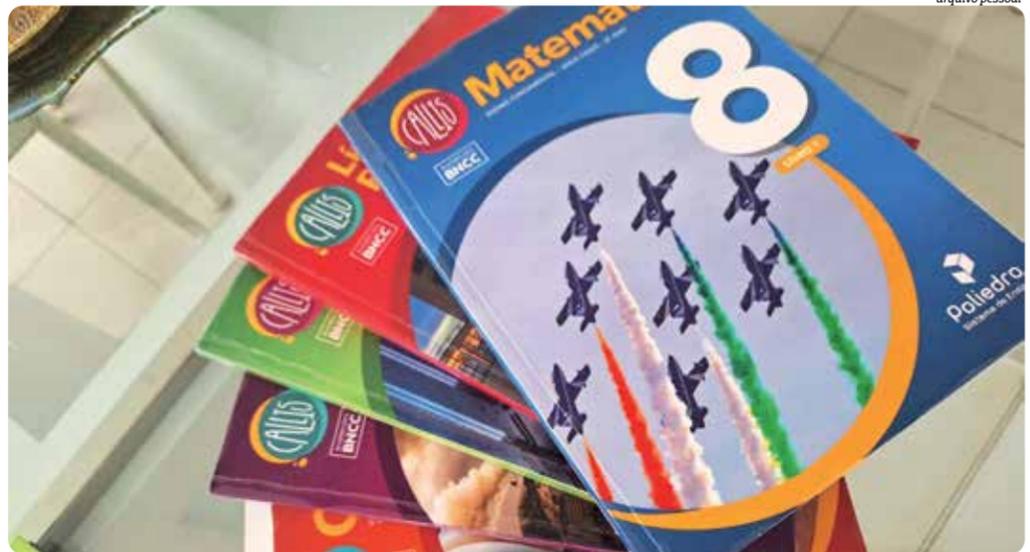
ana.ferraz@radiometropole.com.br

O ano de 2025 ainda nem teve tempo de guardar os cadernos, mas as escolas particulares de Salvador já estão afiando os lápis — ou melhor, os kits didáticos — para 2026. E, ao que tudo indica, tem coisa que não muda: o velho pacote “educação premium com gosto de empurra que vai”. A prática da venda casada de material didático continua, segundo denúncia de pais e responsáveis, viva, firme e, em alguns casos, protegida por contrato.

MODUS OPERANDI

Pais e responsáveis de alunos vêm denunciando nos últimos anos que algumas escolas particulares de Salvador não vendem só livros, vendem kits fechados, com plataforma digital incluída, sem opção de escolha ou economia. É isso ou nada — e sempre com a intermediação da própria escola, que vira uma espécie de livraria cativa com metas de venda. Nessa Black Friday da educação, o consumidor não tem direito nem a procurar outro fornecedor.

Um pai de alunos do colégio Villa Global Education (antigo Villa Lobos), que prefere manter o anonimato, contou ao Metro1 que a escola mantém o mesmo script do ano anterior, com direito a reprise de denúncia. Vale lembrar que, em



arquivo pessoal

janeiro, o Ministério Público da Bahia (MP-BA) entrou com uma Ação Popular contra a instituição. Agora, como se fosse um seriado com nova temporada, os pais foram orientados pelo MP a fazer uma nova denúncia — nova denúncia, novo ano letivo, mesmos problemas.

Procurada pela reportagem, o colégio preferiu não se posicionar sobre a denúncia de que segue com o mesmo modelo de venda.

HISTÓRIA REPETIDA

No ano passado, o MP-BA já havia incluído os colégios Villa Lobos, Anchieta, São Paulo e o grupo Somos Sistema de Ensino (responsável pela plataforma digital do combo), em ações civis públicas por práticas semelhantes. A Justiça atendeu par-

cialmente aos pedidos do Ministério Público, o que ajudou a reduzir os danos — mas não exatamente a eliminar a prática.

Na ocasião, os colégios São Paulo e Anchieta negaram as alegações e afirmaram que seguiam as normas dos órgãos reguladores. As instituições disseram ainda que, desde o momento da matrícula, os responsáveis têm acesso aos detalhes das regras, das metodologias e dos materiais necessários para o ano letivo.

No caso do Colégio São Paulo, os pais e responsáveis ganharam um novo capítulo dessa história. Tribunal de Justiça da Bahia atendeu parcialmente, em junho, um recurso do MP e determinou que o colégio e o Sistema Poliedro não exijam mais a compra de kits fechados como condição para matrícula, acesso a plataformas ou participação dos alunos em atividades avaliativas.

Barreira à educação

A decisão do TJ-BA também garante aos pais o direito de adquirir livros separadamente, reutilizar módulos de anos anteriores e comprar com fornecedores alternativos. Para o desembargador que analisou o caso, impedir essas escolhas configura prática abusiva, proibida pelo Código de Defesa do Consumidor — e, mais do que isso, ameaça o direito à educação ao transformar material escolar em barreira de entrada. Em caso de descumprimento, as instituições podem ser multadas em até R\$ 1 milhão.

Em reportagens anteriores, o **Jor-**

nal Metropole já expôs denúncias ainda mais graves: alunos sendo expostos em sala de aula por não terem comprado o kit didático ou até excluídos de atividades avaliativas. Tudo isso alimentado por um modelo de negócio imposto pelas grandes redes de ensino, que transformaram a educação em um modelo de negócio altamente lucrativo, mas o aluno, esse, vira só o produto final. Parece que, no fim das contas, o aprendizado pode ser opcional. Mas o combo digital com a mochila de R\$ 1.200? Esse, não tem escapatória.



tomaz silva/agencia brasil

METROPOLÍTICA



Por Jairo Costa Júnior

Notícias exclusivas de maior repercussão da semana publicadas pela coluna política do Grupo Metropole



Aponte a câmera do celular para o QR Code ao lado e confira a coluna Metropolitica

Primeira semente

Aliados de Lula no Congresso e fontes do Planalto veem sinais de virada na disputa com a direita e a extrema-direita nas redes sociais. A avaliação é que, desde o fim de junho, as ações virtuais do governo e de apoiadores romperam a bolha, ampliaram o alcance e começaram a desgastar os adversários em que o campo em que a esquerda e a estrutura de comunicação do governo federal patinavam. Embora a reação do governo Lula ao tarifaço de 50% imposto aos produtos brasileiros pelo presidente dos Estados Unidos, a equipe de comunicação do governo acredita o avanço a um conjunto de fatores. A começar pela estratégia adotada após a derrubada do decreto do IOF por maioria elástica dos deputados e senadores.

Balas de prata

Todas as fontes consultadas apontam a postura do governo diante do tarifaço de Trump e o discurso duro em defesa da soberania do país como principais responsáveis pelo ponto de virada no confronto das redes. A avaliação entre cardeais da base é a de que a tática adotada pelo governo foi decisiva para o processo de racha entre a direita moderada, que agora insiste em se desvincular dos Bolsonaro, e a extrema-direita, que pela primeira vez aparenta estar se rumo na batalha digital. “Ainda é cedo para prever o impacto disso nas eleições do ano que vem, já que estamos longe do início da campanha, mas já provocou estragos grandes em candidatos do campo adversário pré-posicionados no páreo. Não falo só de alguém da família Bolsonaro, mas de todos os que estão, seja muito ou pouco, vinculados ao ex-presidente”, salientou um integrante destacado da Secom.

Relatório aponta 13 fazendeiros baianos como financiadores de atos golpistas



joedson alves/agencia brasil

Produzido pelo observatório De Olho nos Ruralistas a partir de inquéritos do STF e investigações da Abin e PF sobre o 8 de Janeiro, o relatório “Agrologpistas” aponta 13 grandes produtores rurais da Bahia entre os 142 fazendeiros que financiaram a tentativa de golpe em favor do ex-presidente Jair Bolsonaro. Os nomes têm atuação forte no agropêlo e vastas terras em Barreiras, São Desidério, Formosa do Rio Preto, Correntina e Luís Eduardo Magalhães.

Onze deles aparecem como donos de caminhões usados em bloqueios de rodovias no Mato Grosso, Goiás e Bahia em novembro de 2022, com o objetivo de cortar o abastecimento em Brasília e apoiar acampamentos golpistas. Entre os citados, está Gilson Denardin, dono de transportadora e membro de uma família com 30 mil hectares na região. Outro clã citado é o Walker, de Luís Eduardo, ligado a empresas como Syngenta, Bayer e Monsanto.

Também estão na lista Osvaldo Henke, diretor da Coopertac e aliado de João Roma; Lauro Luza, dono da Gran7, que cedeu jatinho a Flávio Bolsonaro; e outros cinco produtores com empresas de transporte. São Adriana Rosseto, Antonio Carlos Ribeiro e George Obeid Filho, de São Desidério; Wilsemar Elger, de Formosa do Rio Preto; e Albino Sadi Marodin, de Luís Eduardo. O relatório cita ainda José “Zeca” Alípio, indiciado pela CPMI do 8 de Janeiro e acusado de trabalho análogo à escravidão em 2007. Fecha a lista Alan Juliani, ex-presidente da Associação Nacional dos Produtores de Soja (Aprosoja), ligada ao Movimento Brasil Verde e Amarelo e ao apoio logístico da bancada ruralista.

Sinal verde

O Conselho do Programa de Parcerias e Investimentos (PPI) do governo federal, presidido pelo ministro Rui Costa, deu aval para que a Ponte Salvador-Itaparica seja qualificada a receber recursos através das várias fontes de financiamento disponíveis para grandes projetos de infraestrutura. Caso Lula acate a recomendação - e tudo indica que sim -, a ponte deve começar a sair do papel em um futuro muito breve. A inclusão da ponte no guarda-chuva do PPI é tida como decisiva para que a obra ande. Com as dificuldades do governo Jerônimo Rodrigues (PT) para bancar a contrapartida de bilhões acertada no contrato com o consórcio chinês que ganhou a licitação do projeto, a PPI garante a captação de recursos por meio de fundos operados pela Caixa e pelo BNDES e destinados a financiar Parcerias Públicas-Privadas (PPPs). Ao mesmo tempo, fornece a segurança jurídica para captar dinheiro junto a grandes investidores e organismos financeiros internacionais.

Fato ou fake?

Pode ser mera especulação, mas circula com força no mercado informações de que existe jogo combinado para que a concessão dos trechos das BRs 324 e 116 no estado caia novamente nas mãos do mesmo grupo que controlou o pedágio nas duas rodovias por mais de uma década. Ou seja, a ViaBahia, mas com outra roupagem. A ver.



O Brasil é o Brasil

Janio de Freitas

Jornalista

Os motivos que levaram o ministro Alexandre de Moraes a ser agredido por Donald Trump são dignos de honra. A aplicação com que ele tem se dedicado a fazer cumprir a lei brasileira e a exigência do respeito à Constituição Brasileira - ou na falta desse respeito, o processo criminal e a provável condenação por uma tentativa de golpe completamente estúpida, violenta, absurda - são louváveis.

É difícil haver aqui punição para quem tem algum tipo de influência. Os bolsonaristas têm uma massa grande de seguidores, que faz com que os não-bolsonaristas temam por

suas reeleições ou eleições iniciais e preferiam não punir nem mesmo quem chega ao extremo de cometer traição contra seu próprio país, como é o caso do Eduardo Bolsonaro.

Nem precisaríamos da lei americana para punir o que Eduardo Bolsonaro está fazendo contra o Brasil, porque nós temos as nossas próprias leis, o Congresso tem regramentos. Mesmo o próprio Jair Bolsonaro já deveria ser punido há muito tempo, mas isso será difícil. E isso atesta, mais uma vez, o valor do trabalho que está sendo feito por Moraes.

Bolsonaristas em geral, mesmo que não sejam capazes de acessar os

meios de comunicação para divulgar as suas ideias, já se definem como defensores do que o Eduardo Bolsonaro faz nos Estados Unidos e o que Flávio Bolsonaro faz aqui apenas por serem bolsonaristas. Enquanto isso, simplesmente vemos o Congresso discutindo quem ganha o quê, como fazer emendas para ganhar mais dinheiro e mais votos. E vamos tocando assim, porque o Brasil é o Brasil.

** A análise foi feita pelo jornalista no programa **Três Pontos**, da **Rádio Metropole**, transmitido ao meio-dia às quintas-feiras*

A aplicação com que Moraes tem se dedicado a fazer cumprir a lei e a exigência do respeito à Constituição Brasileira são louváveis

Não precisaríamos da lei americana para punir o que Eduardo Bolsonaro está fazendo contra o Brasil, porque nós temos as nossas próprias leis



três pontos

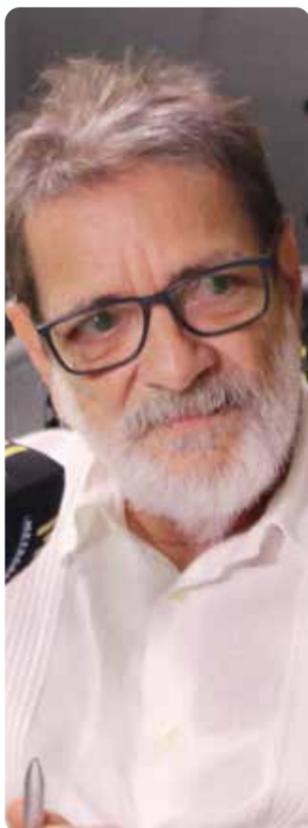
com Mário Kertész,
Janio de Freitas,
Bob Fernandes e
Sérgio Augusto

Todas as quintas ao meio-dia
Na Rádio e no [Youtube.com/PortalMetro1](https://www.youtube.com/PortalMetro1)
Reprise as sextas - 19h

ENTREVISTA

Paulo Miguez

REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA)



É espantoso ouvir um pai dizer que não vai pôr o filho na universidade federal porque tem greve, como se fosse algo desnecessário à vida social, não compreende aquilo como educação política

Jornal da Bahia no Ar

ENTREVISTA

Jaques Wagner

SENADOR (PT)



É uma vergonha isso que Eduardo Bolsonaro está fazendo. É para ser declarado persona non grata. Vai pro país estrangeiro para pedir: 'ai, castiga o Brasil pra ver se ele soltam papai'

Jornal da Bahia no Ar

ENTREVISTAS



METROPOLE

ENTREVISTA

ACM Neto

EX-PREFEITO DE SALVADOR (UNIÃO)



A polarização do Brasil tem muita relação com as figuras de Lula e Bolsonaro [...] Lula deve ser candidato. Agora o que pode mudar em 2026 é na oposição, que pode reunir do centro à direita, vai surgir alguém

Jornal da Bahia no Ar

ENTREVISTA

Penildon Silva Filho

VICE-REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA)



Educação integral pressupõe uma educação ética, estética, política, cognitiva, emocional. E o ritmo das redes sociais acabam criando muitos prejuízos nesse processo dos jovens

Jornal da Bahia no Ar



Renovação de peso e de nome

Com inquietude e credibilidade como sobrenomes, Rádio Metropole reforça time com a chegada de Silvana Freire e Casemiro Neto na programação

Texto **Laisa Gama**

laisa.gama@metro1.com.br

Quem diz que agosto é o mês do desgosto pode mudar de ideia. Essa é a oportunidade, porque ele começou com tudo na *radinha*, e “com tudo” por aqui quer dizer movimentação e inquietação. A novidade da vez é a estreia - ou melhor, reestreia - da jornalista Silvana Freire, que volta à **Rádio Metropole** depois de 14 anos.

Com muito serviço, informação e aquele toque de leveza, ela chega para ancorar dois programas: o **Metropole Mais**, das 15h às 16h, e o **Metropole Saúde**, das 16h às 17h. Todos de segunda a sexta-feira, com notícia, entrevista e

interação com os ouvintes.

Silvana não está sozinha nessa leva de novidades. Quem também chegou recentemente foi Casemiro Neto. O veterano da TV agora comanda o **Jornal da Cidade**, das 17h às 19h, desde junho. Menos de 60 dias, mas com um programa já de personalidade: estilo direto e sempre democrático. Casemiro responde aos *haters* sem rodeios, denuncia, opina, dá espaço ao contraditório e ainda rende interações hilárias com a sexóloga Gilda Fucs.

A dupla chega ao time sob a batuta da dupla Mário Kertész e Chico Kertész, e que já conta com uma escalação que o soteropolitano conhece bem: Nardele Gomes, Cristiele França, Kamille Marti-

nho, José Medrado, Fernando Guerreiro e por aí vai. Um time que, de longe, pode até parecer maluco, mas, de perto, só está na **Metropole** e no calcanhar de quem anda fazendo besteira.

Metropole Mais e Metropole Saúde
Com Silvana Freire
De segunda a sexta, das 15h às 17h

Jornal da Cidade
Com Casemiro Neto
De segunda a sexta, das 17h às 19h

ESPECIAL



METROPOLE

MK Entrevista com Jamil Chade e casa cheia

Depois de quase uma década fora do ar, o **MK Entrevista** volta em grande estilo e também em agosto - mais um motivo para pôr fim à história de mês do desgosto.

Público no teatro, perguntas afiadas e um convidado de peso, essa é a marca do **MK Entrevista** - seja hoje ou há 10 anos. A reestreia, que somou mais de 700 inscritos, acontece na próxima segunda-feira (11), às 18h, no auditório da FIEB (Federação das Indústrias do Estado da Bahia), no Stiep, com a presença do jornalista e escritor Jamil Chade.

Na pauta: o lançamento do seu novo livro, ‘Tomara que você seja deportado: uma viagem pela distopia americana’. Na bancada, fazendo companhia a Mário Kertész e Jamil Chade: o jornalista Leandro Demori e o professor e filósofo Waldomiro José Silva Filho.

E se ainda faltou motivo para convencer alguém: o evento é gratuito e ainda terá sessão de autógrafos com Jamil Chade. As inscrições, feitas pelo Whatsapp da Rádio Metrópole, esgotaram no final da última quarta-feira (6), a cinco dias do evento.





Daniela Lima e o filtro da farsa

Malu Fontes

Jornalista, doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas, professora da Facom/UFBA e articulista da Rádio Metropole

Ah, o jornalismo de televisão ficou tão fofinho nos últimos anos... Eliminaram as bancadas, âncoras e comentaristas circulam muito à vontade por estúdios informais, apoiam seus iPads em mesinhas de vidro transparentes, ironizam falhas ao vivo. Todo mundo se chama por apelidos infantilizados. É Lane, Dani, Fê, Guedinho, Jel, Pam, De-dea, Van, Rê. São risos, gargalhadas, piadas. Até versinhos de alguma canção são entoados quando um escândalo político se presta a uma tematização musical segundo uma das estrelas das emissoras.

Tudo, supostamente, em nome da transparência, da aproximação com o telespectador, da naturalidade, essas farsas que se espalham por todos os segmentos.

COLEGUINHAS SEM STORIES

O sumiço de Daniela Lima, âncora das manhãs da Globo News nas manhãs dos dias úteis, é uma ilustração maravilhosa do faz de conta do jornalismo pós-modernizadinho. Ah, o leitor, vossa excelência, tem o direito de saber tudo.

É mentira. Sempre foi. E continuará a ser. Demitida ao voltar de férias, na segunda-feira, e antes de apresentar o programa do dia, Daniela não mereceu sequer uma referência tola de qualquer coleguinha. E essa referência nem seria uma frase carinhosa, no ao vivo fofo, na espontaneidade do estúdio, como nos fazem crer. E nas redes? Não somos todos espontâneos? Não somos.

Pelo que se deduz, Daniela foi saída porque a emissora está ajustando a rota ideológica. O assinante GloboNews, como toda a população, está ideologicamente polarizada e tem reclamado mais diversidade política/eleitoral/ideológica. Daniela, nessa equação, era a mais frágil. Embora fidelíssima a furos e apurações, ela não tinha as costas quentes estreladas de algumas das colegas nem a impossibilidade de demissão que mantém outros, embora menos talentosos. E acreditou que podia ser espontânea além da conta. Nenhum coleguinha ter feito sequer um story é muito a cara do quanto somos hipócritas e farsescos quando defendemos a vida sem filtros. Na nossa savana, filtro é sobrevivência.

O assinante GloboNews, como toda a população, está ideologicamente polarizado e tem reclamado mais diversidade ideológica. Daniela Lima, demitida da emissora nesta semana, era, nessa equação, a mais frágil



reprodução youtube/globonews



80 anos após Hiroshima

Há oito décadas, cidade japonesa foi reduzida a cinzas pelo ataque nuclear norte-americano que mudou o curso da história e matou ao menos 70 mil pessoas

Texto Nardele Gomes

nardele.gomes@radiometropole.com.br

Eram 8 horas da manhã de 6 de agosto de 1945, há exatos 80 anos. Os japoneses em Hiroshima começavam mais uma segunda-feira. Crianças nas escolas, pessoas na rua, o típico movimento de uma cidade de 250 mil habitantes. Mas o país e o mundo viviam a Segunda Guerra Mundial.

Quem olhou para o céu naquela manhã viu algo que parecia uma gota prateada. Era um avião americano. Em terra, a vida no Japão parecia seguir a normalidade possível de um país em guerra. A mais de 10 mil metros de altura, a aeronave americana, batizada de Enola Gay, o nome da mãe do piloto, abria comportas e lançava o artefato bélico mais mortal já concebido pelo homem.

Uma bomba atômica. Little Boy era o seu nome - ou menininho, em português. Carregava 72 kg de urânio, o poder de 16 mil toneladas de dinamite. Levou 43 segundos até atingir o chão. Era o calor de mil sóis.

Entre 70 mil e 100 mil pessoas se desintegraram imediatamente, sem deixar qualquer vestígio. Viraram pó.

Tudo num raio de dois quilômetros da explosão deixou de existir. Uma enorme nuvem de poeira e fumaça em forma de cogumelo com 18 km de altura se formou sobre Hiroshima.

O dia virou noite. A cidade virou o inferno. Além das quase 100 mil pessoas que morreram imediatamente, mais de 140 mil pessoas morreram em decorrência dos ferimentos, das queimaduras e da exposição à radiação.

Quando decidiu lançar a bomba sobre Hiroshima, os Estados Unidos pretendiam que o país se rendesse. Mas havia um plano, caso não acontecesse. Esse plano foi colocado em prática três dias depois, com o silêncio do Japão.

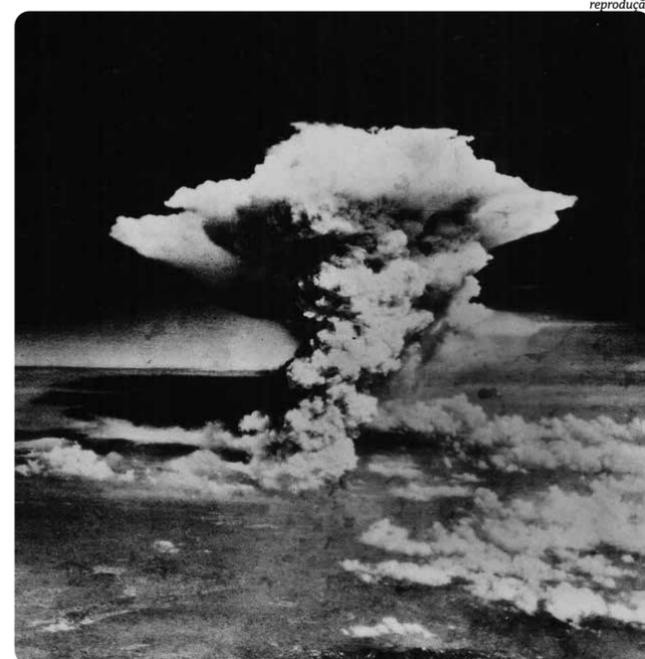
No final da manhã do dia 9 de agosto, uma nova bomba, Fat Man (homem gordo), ainda mais mortal, foi lançada em Nagasaki.

Cinco dias depois da segunda bomba, os japoneses ouviram no rádio o discurso do imperador Hiroito. Tinha pouco mais de quatro minutos de duração. No discurso, o imperador dizia que havia ordenado ao governo imperial que comunicasse aos Estados Unidos, Grã-Bretanha, China e União Soviética a aceitação dos ter-

mos da Declaração Conjunta para obter a paz e o bem-estar dos súditos do Império Japonês. Dizia também que a guerra não prosseguia a seu favor. E que seguir com ela não resultaria apenas no colapso da nação japonesa, mas também na total destruição da própria civilização. Essas foram algumas de suas palavras.

Há quem defenda o uso das bombas nas cidades japonesas. A rendição do Japão marcou o fim da guerra que matou cerca de 70 milhões de pessoas ao redor do mundo. A maioria, é claro, abomina o uso do artefato considerado crime de guerra.

A polêmica durará séculos. Oitenta anos depois do bombardeio em Hiroshima, o mundo vive uma nova corrida armamentista nuclear global. O ano passado marcou o recorde em investimento nuclear desde o fim da Guerra Fria. As principais potências nucleares - Estados Unidos, Rússia e China - seguem investindo principalmente na modernização de seus arsenais nucleares. Enquanto isso, todo dia 6 de agosto, às 8h15, o Sino da Paz toca em Hiroshima, em homenagem aos mortos da bomba atômica.



ESPECIAL

METROPOLE



wikimedia commons U.S. department of energy

Hoje, 80 anos depois, o mundo vive uma nova corrida armamentista nuclear com recorde em investimentos



Pronto Atendimento Online 24h

Por apenas **19,00** reais/mês
R\$6/mês para associado Vitalmed

O cuidado chega até você com conforto e agilidade:

- > **Em casa;**
- > **No trabalho;**
- > **No parque.**

*valor cobrado por mês

Escaneie aqui ou ligue para
71 2202-8686



Grupo Fleury



Dia dos pais ou outra meia mesmo serve

James Martins

Talvez você nem se lembre, já que o bombardeio publicitário que acontece em maio não se repete em agosto, mas, no próximo domingo é o dia dos pais. Fiquei em dúvida se grafava com iniciais maiúsculas, mas, por via das dúvidas e das dívidas, em caixa baixa mesmo serve. Aliás, serve qualquer coisa: um par de meias do mesmo pacote de três do ano passado, que você ainda tirou um para uso próprio. Uma cueca de 5 reais da Canal Jeans (lembra da Canal Jeans?). Um armengue feito com miojo, tão incompreensível que parece arte pós-moderna. Pois a verdade é uma só: no dia dos pais serve tudo, qualquer coisa, inclusive nada. Há até um episódio de "Todo Mundo Odeia o Chris" sobre isso. E olhe que Julius é um pai super presente. De qualquer forma, sempre me pergunto se o desleixo com o presente dos pais tem a ver com a grande quantidade de pais ausentes.

Bom, se for por isso, me parece ainda mais errado. Creio que presentear os pais de verdade com dignidade e aten-

ção genuínas serviria de incentivo às reivindicações, legítimas, para que os outros cumprissem seus deveres. E, por definição, premiaria aqueles. A verdade, porém, é que ninguém tá nem aí para o segundo domingo de agosto. Nem a Boticário. Nem os camelôs da Avenida Sete. No máximo, os filhos mais dedicados compram uma camisa do time do coração do velho, que é algo em que não se precisa elaborar muito. Há uma certa dureza, uma falta de carinho congênita vivida entre pais e filhos que colabora nessa ausência festivo-afetiva. Uma limitação ligada ao suposto papel do homem. E isso precisa se quebrar. Os pais têm que beijar suas crias. E receber-lhes os beijos diariamente.

De presente meu a todos os pais, um poema do goiano Carlos Edu Bernardes:

Meu pai tem Alzheimer
e todo dia me pergunta
que dia é hoje.
Eu digo que é Dia dos Pais
e tasco-lhe mais um abraço.

A verdade é uma só: no dia dos pais serve tudo, qualquer coisa, inclusive nada [...] De qualquer forma, sempre me pergunto se o desleixo com o presente dos pais tem a ver com a grande quantidade de pais ausentes



Coordenadora **Kamille Martinho**
kamille.martinho@metro1.com.br

Pegue a visão

Chegou a melhor parte do jornal: nossa editoria de dicas! Aproveite porque, se depender das indicações, não sei se estaremos aqui na próxima edição

Nega Lôra

Falar para advogado que doutor é quem tem doutorado é fácil. Quero ver chegar na roda de capoeira e dizer que mestre é quem tem mestrado.

Fausto Silva

Natação é uma ótima atividade física para fazer quando se está triste. Além de ajudar no humor, dá pra chorar durante a aula e ninguém vai perceber.

Lacerda

Um tubarão nada mais rápido do que eu, mas eu, provavelmente, corro mais rápido do que um tubarão. Então, num triatlo, tudo dependeria de quem é o melhor ciclista.

Lindinalva

O cara se chama Chico Science, literalmente FRANCISCO CIÊNCIA, e recomenda “uma cerveja antes do almoço é muito bom pra ficar pensando melhor”. Quem sou eu pra questionar? Você que manda, doutor.

Guto

O morango do amor ainda não experimentei, mas o pão que o diabo amassou já veio até fatiado.

Cida

Gosto da pessoa que fala que o defeito dela é perfeccionismo, porque você quer descobrir um e ela já entrega dois: mentira e mania de grandeza.

Vlad

Tomar café da manhã na padaria é se sentir em casa... é tipo comer pizza na Itália... jogar no bicho no Rio de Janeiro...

Só os loucos sabem

Existem duas instituições brasileiras que não falham:

1. Fundação Cacique Cobra Coral
2. São Longuinho

Ritinha

Eu amo tanto ficar na cama que tenho certeza que na vida passada eu fui um ácaro.

Marley

Não estamos no mesmo barco. Estamos na mesma tempestade, alguns de iate e outros a nado.

Flávia Vizinha

Se eu fosse farmacêutico ou qualquer outro profissional da saúde, tentaria criar um café para acabar com a tosse. O nome seria coffe coffe.

Lindinalva

Lembre-se que se eu não responder sua mensagem, é porque eu estou ocupado, mas se você não responder a minha, é porque você me odeia.



**28 A 31
AGOSTO**

**ALAMEDA DAS GRIFES
SHOPPING DA BAHIA**

@popshop_

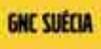
**POP
UP
SHOP**

ENTRADA GRATUITA

**68 MARCAS
EXCLUSIVAS**

EM UM SÓ LUGAR!

**A FEIRA
DE MODA
MAIS DESEJADA DA CIDADE.**

PATROCÍNIO  METROPOLE  SHOPPING DA BAHIA  VOLVO |  GNC SUÉCIA  SALVADOR  SEBRAE

APOIO:  MORE CAFE  amigasdoalpha  AMIGAS ITAIGARA  Bigraf  HAPPY TOUR  plus viagens  Rede Bahia